

A B U
EDITORA

O Incomparável
Cristo

The book cover features a dramatic sunset or sunrise scene. The sky is filled with warm, glowing orange and yellow light, with dark, silhouetted clouds. In the foreground, a group of people is shown in silhouette, standing on a dark, rocky outcrop or cliffside. The overall mood is contemplative and spiritual. The text is rendered in a clean, white, serif font, contrasting sharply with the dark background.

John Stott

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Jesus Cristo tem sido a figura dominante da cultura ocidental há dois mil anos e seu nascimento é a referência de nosso calendário. Ele é o centro das Escrituras, conforme declarou Lutero: “a Escritura inteira, em cada parte dela, só trata de Cristo”. Ele é o coração da missão, a mensagem que incontáveis cristãos atravessam terras e mares, continentes e culturas para transmitir.

() Incomparável

Cristo

“John Stott pinta um quadro do Cristo incomparável sobre uma grande tela. Kle aplica sua mente incisiva, seu compromisso com as Escri

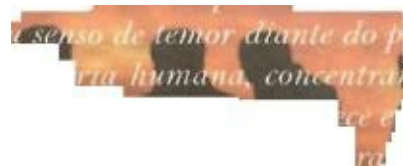
EDITORA

Respostas bíblicas para o mundo hoje

ISBN 85-7055-069-3



788570 550699



propósito de

idcWi

tem a ad 'ra combi na-

ta rasfese)

P na hist d

tilda de no Jesus a quem conlu ida inteira. O resultado é uma ção ile sabedoria e inspiração. ”



Roy MeCJoughry

Diretor, Kimnlom Trust

i >



A'o/d/ccido ern todo o mundo como mestre da Bíblia, escritor, pastor e lide missões, John Slot! é autor de muitos livros , entre eles “Ouça o Espírito, o mundo ”, “Crer é também pensar ”, A mensagem do Sermão do Monte ”, e outros. Ele é Heitor Emérito da Igreja de AH Souls em Londres e Presidente do Instituto Londrino de Cristianismo Contemporâneo.

Em análises magistrais, John Stott examina o testemunho do Novo Testamento, o retrato que a igreja tem feito de Cristo ao longo dos séculos e a influência que Cristo tem exercido sobre indivíduos nos últimos vinte séculos. Por fim, voltando-se para o livro de Apocalipse, ele pergunta o que Jesus Cristo significa hoje. Eis o fruto de toda uma vida de estudo bíblico, reflexão cristã rigorosa e devoção à pessoa de Jesus Cristo.

O Incomparável

Cristo

Mazinho Rodrigues!

John Stott

O Incomparável Cristo

Traduzido do original em inglês *Ihe Incomparable Christ* Inter-Varsity Press, Leicester, Inglaterra Copyright ©John Stott,2001

Direitos reservados pela:

ABU **Editora** S/C

Caixa Postal 2216 — CEP 01060-970 - São Paulo — SP

E-mail: editora@abub.org.br Home page: www.abub.org.br/editora

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a permissão por escrito da ABU Editora.

Tradução de Lucy Hiromi Kono Yamakami - Fronteiras Editoração Ltda- ME Revisão de Edison Mendes de Rosa Capa: Fernando Oki

1ª. Edição - 2006

A ABU Editora é a publicadora da ABUB - Aliança Bíblica Universitária do Brasil.

A ABUB é um movimento missionário evangélico interdenominacional que tem como objetivo básico a evangelização e o discipulado de estudantes — universitários e secundaristas — e profissionais, em parceria com igrejas e profissionais cristãos. Sua atuação se dá através dos próprios estudantes e

profissionais, por meio de núcleos de estudo bíblico, acampamentos e cursos de treinamento. A ABUB faz parte da IFES - *Internacional Fellowship of Evangelical Students*, (CIEE, em português) entidade internacional que congrega mais de cem movimentos estudantis semelhantes por todo o mundo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stott, John

O incomparável Cristo / John Stott ; [Tradução e revisão de Lucy Hiromi Kono Yamakami] . — São Paulo : ABU, 2006.

Título original: The incomparable Christ.

Bibliografia.

06-6016 CDD-232

1. Jesus Cristo - História das doutrinas I. Título.

A —

índices para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo : Cristologia 232

- [SUMÁRIO](#)
- [PREFACIO](#)
- [INTRODUÇÃO](#)
- [PARTE I](#)
- [Os quatro evangelhos](#)
 - [5.0 quádruplo evangelho](#)
 - [1 Coríntios](#)
 - [13. A carta aos Hebreus:](#)
- [0 Jesus Eclesiástico](#)
 - [6. Cristo, o exemplo ético:](#)
 - [11. Cristo, o Messias judaico: N. T. Wright](#)
- [PARTE III](#)
- [0 Jesus influente](#)
 - [5.0 amor pelas crianças:](#)
 - [11. A segunda vinda:](#)
- [0 Jesus influente](#)
 - [5. Cristo chamando o mundo ao arrependimento \(Ap 8-11\)](#)
 - [7. Cristo sobre o Monte Sião com seu povo redimido \(Ap 14.1 -15.4\)](#)
 - [10. Cristo vindo como o noivo para buscar sua esposa \(Ap 21 - 22\) 0 novo universo, a cidade e o jardim](#)

SUMÁRIO

PREFACIO

Não tenho dúvidas, como Arcebispo da Cantuária, que a maior e mais importante das tarefas que temos como cristãos hoje, qualquer que seja nossa denominação, é exaltar o Nome, e fazê-lo não só com a maior consideração pelas crenças dos outros, mas também com uma convicção de que a pessoa de Cristo continua correspondendo aos anseios e esperanças de cada coração humano.

O Dr. John Stott fez do tema Jesus Cristo o centro de sua vida, trabalho e estudo. De sua pena têm fluído obras penetrantes que combinam erudição com anos de compromisso apaixonado com a obra pastoral e evangelística da igreja. De seus lábios têm fluído exposições poderosas e convincentes da relevância de Cristo para os dias de hoje.

Mas apesar de ser intelectual brilhante e erudito, John nunca foi um teólogo fechado numa torre de marfim. Ele se coloca na tradição anglicana clássica do “pastor mestre”. Sua sala de aula tem sido primeiro a paróquia e depois o mundo. Ele não busca postos acadêmicos nem promoção eclesiástica. Mesmo assim, de acordo com uma autoridade do calibre de David Edwards, “Com exceção de William Temple, John Stott é o clérigo mais influente na Igreja da Inglaterra do século XX”.

Os quatro objetivos principais das Preleções Londrinas são: “expor algum aspecto do cristianismo bíblico histórico; relacioná-lo com uma questão contemporânea igreja no mundo; ser acadêmico em conteúdo, ainda que popular o suficiente em apelo e estilo para atrair o público culto; e apresentar cada tópico de tal maneira que seja de interesse tanto para o público secular como para o cristão”,

Esses quatro objetivos são, em minha opinião, a estrutura exata do próprio ministério de John, desde tempos remotos, quando era cura aqui em Ali Souls, Langham Place, até sua função atual como embaixador internacional de Jesus Cristo. Seu biógrafo, Bispo Timothy Dudley-Smith, resume seu ministério com as seguintes palavras: “ninguém pode ler os escritos de John Stott sem perceber que sua preocupação é ensinar e expor

uma fé revelada e interpretar as Escrituras autorizadas e atemporais para o mundo contemporâneo”. John, como pastor, pregador, estudioso,

escritor, apologista, evangelista e irmão em Cristo, somos gratos a Deus por sua pessoa e por seu longo e bendito ministério.

As Preleções Londrinas de Cristianismo Contemporâneo, fundadas pelo próprio John em 1974, ao que parece nunca teve um fundador como preletor até agora. E mais do que adequado, portanto, que neste ano do milênio, seja ele quem desenvolva esta série. Também é muitíssimo adequado que, no ano em que comemoramos dois milênios, o tema seja o que sempre foi o centro do ministério de John: o Cristo incomparável.

Dr. George Carey

Arcebispo da Cantuária

Prefácio do presidente

Parecia próprio à Comissão Administrativa das Preleções de Londres no ano do milênio que devíamos concentrar nossa atenção em Jesus e especialmente adequado que John Stott, cuja visão e energia havia gerado a série de preleções, fosse convidado para ser o preletor.

Nossas esperanças não foram vãs. Uma multidão entusiasmada assistiu às preleções. A Igreja de All Souls em Londres esteve quase repleta em cada uma das quatro quintas-feiras. A última palestra foi dada na presença de Sua Alteza Real, Princesa Alexandra, e foi introduzida pelo Arcebispo da Cantuária. As preleções proveram muito conteúdo para estimular a mente e aquecer o coração. A erudição e o entusiasmo pessoal do preletor ficaram evidentes, enquanto se amparava no trabalho de toda sua vida e no estudo de grande amplitude e profundidade, cujo foco e centro sempre foram Cristo,

Tenho o prazer de recomendar este estudo instigante e inspirador sobre Jesus em nome da Comissão das Preleções de Londres.

John Grayson

Presidente, Comissão das Preleções de Londres

Agradecimentos

Sou profundamente grato à Comissão das Preleções de Londres pelo convite para proferir as preleções de 2000 AD e por propor que o único tópico adequado seria o próprio Jesus, cujo aniversário milenar supúnhamos estar celebrando. Depois de tomar essas duas decisões, a Comissão me deu liberdade para

desenvolver o tema escolhido sob minha responsabilidade. Mas me ofereceram incentivo sólido com John Grayston, excelente presidente, c Betty Baker, secretária conscienciosa e eficiente.

Também sou grato a alguns amigos que me emprestaram livros, deram-me conselhos e me ajudaram a compilar uma bibliografia. Penso especialmente em Richard Bewes, Dick France, Timothy Dudley-Smith, Paul Barnett, Paul Blackham, John W. Yates III, René Padilla e Eunice Burton.

Além disso, sou grato à Inter-Varsity Press, aos produtores, a Stephanie Heald, a editora, e a Steve Motyer e David Wright. Eles foram destacados pela IVP como leitores oficiais do manuscrito e fizeram uma série de comentários perspicazes.

Mas minha gratidão especial são devidas a Corey Widmey, atual assistente de estudos, cujos horizontes foram marcados por leituras durante cerca de dezoito meses. De um modo bem pessoal, ele as abrigou no coração. Ele tem demonstrado persistência notável em navegar pela internet, procurando referências que eu não conseguia encontrar e descobrindo livros que eu precisava consultar ou ler, e fazendo pleno uso das facilidades da Biblioteca Britânica recém-aberta. Quanto ao texto das preleções, deve tê-las lido pelo menos dez vezes em diferentes estágios. Suas sugestões sempre são positivas e úteis, e ele também escreveu o guia de estudos que acompanha o conjunto de quatro videoteipes das preleções. Por tudo isso sou-lhe muitíssimo grato.

Depois nós dois dependemos muito de Frances Wfdtehead: sua perseverança sem igual como minha secretária particular há 45 anos, suas habilidades notáveis com o computador e sua disposição de repassar o texto em seus três estágios principais — a edição original, sua abreviação para as preleções orais e sua conversão neste livro. Quando, em abril de 2001, foi anunciado numa reunião pública que o Arcebispo da Cantuária havia

decidido honrá-la com um título de Mestre *Honoris Causa*, de imediato os presentes a ovacionaram em pé espontaneamente.

Assim, apresento este livro com a esperança e a oração de que muitos leitores reconheçam Jesus Cristo como o devido objeto de nosso culto, testemunho e esperança e como alguém que merece a descrição “incomparável”. Pois ele possui não rivais nem pares.

John Stott

Julho de 2001

INTRODUÇÃO

1. A centralidade de Jesus

“Não importa a idéia ou crença pessoal de alguém acerca dele, Jesus de Nazaré vem sendo a figura dominante na história da cultura ocidental há quase vinte séculos.” Assim escreveu Jaroslav Pelikan no início de seu abrangente livro *Jesus through the Centuries*

Pareceu adequado, portanto, que as Preleções Londrinas de Cristianismo Contemporâneo neste ano do milênio girassem em torno de Jesus Cristo, já que é seu aniversário que estamos celebrando (seja qual for a data precisa). Considere seu domínio em três esferas.

Primeiro, Jesus é *o centro da história*. Pelo menos grande proporção da raça humana continua dividindo a história em a.C. e d.C., numa referência a seu nascimento. No ano 2000, a população do mundo chegou a 6 bilhões, enquanto o número estimado de cristãos era de 1,7 bilhões ou cerca de 28%.¹ Assim, quase um terço da raça humana professa segui-lo.

Em segundo lugar, Jesus é *o eixo das Escrituras*. A Bíblia não é uma coletânea aleatória de documentos religiosos. Como Jesus mesmo disse, “as Escrituras ... testificam de mim” (Jo 5.39). E os estudiosos cristãos sempre reconheceram isso. Jerônimo, por exemplo, o grande patriarca da igreja nos séculos IV e V, escreveu que “a ignorância das Escrituras é a ignorância de Cristo”.²

No século XVI é notável que tanto Erasmo da Renascença como Lutero da Reforma tenham dado ênfase à mesma centralidade de Cristo. A Bíblia “vos dará Cristo”, escreveu Erasmo, “numa proximidade tão estreita que ele vos seria menos visível, caso se postasse diante de vossos olhos”.³ Lutero, de

maneira semelhante, em seus *Sermões em Romanos*, deixou claro que Cristo é a chave das Escrituras. Em sua glosa sobre Romanos 1.5 escreveu: “Aqui escancaram-se as portas para o entendimento das Sagradas Escrituras, ou seja, que tudo precisa ser compreendido em relação a Cristo”. E, adiante, escreveu: “a Escritura inteira, em cada parte dela, só trata de Cristo”.⁴

Em terceiro lugar, Jesus é *o coração da missão*. Por que motivo alguns cristãos

atravessam terras e mares, continentes e culturas como missionários? O que os impele? Não saem para propagar uma civilização, instituição ou ideologia, mas uma pessoa, Jesus Cristo, que crêem ser sem igual. Isso fica especialmente claro na missão cristã ao mundo islâmico. “Nossa tarefa”, escreveu o bispo Stephen Neill, erudito missionário, “é prosseguir dizendo ao muçulmano com paciência infinita: ‘senhor, considere Jesus’. Não temos outra mensagem ... O caso não é que os muçulmanos viram Jesus de Nazaré e o rejeitaram; ele nunca foi visto...”⁵

Mas os que de fato vêem Jesus e se rendem a ele reconhecem que ele é o centro de sua experiência de conversão. Tome por exemplo Sadhu Sundar Singh. Nascido em 1889 numa família *sikh* afluente na Índia, ele cresceu odiando o cristianismo como uma religião estrangeira (segundo entendia). Chegou a expressar sua hostilidade aos quinze anos, queimando em público um evangelho. Mas três dias mais tarde ele se converteu por meio de uma visão de Cristo e, depois, apesar de ainda adolescente, resolveu tornar-se *sadhu*, santo pregador peregrino/ Certa vez, Sundar Singh visitou uma faculdade hindu e foi atacado de maneira bem agressiva por um professor que lhe perguntou o que ele havia encontrado no cristianismo que não houvesse em sua antiga religião. “Tenho Cristo”, respondeu ele, “Sim, eu sei”, continuou o professor, impaciente, “mas que princípio ou doutrina específica que o senhor encontrou não havia encontrado antes?” “O que encontrei de específico”, replicou Sundar Singh, “é Cristo”.⁶

Mas de que Cristo estamos falando? Pois o fato é que há muitos “Jesuses” nas prateleiras abarrotadas dos mercados religiosos do mundo. Antes do fim do primeiro século cristão, já começou a tendência de os mestres criarem uma imagem de Jesus de acordo com suas próprias idéias e gostos. De modo que Paulo teve de lembrar aos cristãos coríntios que ele os havia desposado “a um só esposo, que é Cristo”, para que por fim pudesse apresentá-los como “virgem pura” a ele. Mas temia, acrescentou, que a mente deles fosse desviada de sua “simplicidade e pureza devidas a Cristo” (2 Co 11.2-3).

Meu plano, portanto, é investigar (nas Partes I e IV deste livro) o Cristo testificado no Novo Testamento e considerar na história da igreja como algumas pessoas o apresentaram (Parte II) e como outros foram influenciados por ele (Parte III).

Para desenvolver isso, minha preocupação é questionar e responder quatro perguntas básicas acerca de Cristo.

Primeiro, *como o Novo Testamento testifica a seu respeito?* Espero demonstrar que seu testemunho a respeito de Jesus, embora se admita rico em diversidade, é ao mesmo tempo um testemunho reconhecidamente homogêneo. Dou o título de “O Jesus original” à Parte I.

Segundo, *como a igreja tem retratado Jesus Cristo ao longo dos séculos?* Dou o nome de “O Jesus eclesiástico” à Parte II porque quero considerar como a igreja em diferentes épocas tem apresentado Cristo ao mundo, ora com fidelidade, ora sem.

Terceiro, *qual a influência que Cristo tem exercido na história?* Essa terceira parte complementa a segunda, uma vez que passamos da apresentação que a igreja faz de Cristo para o desafio de Cristo à igreja. Nossa perspectiva presente, porém, não será a dos estágios sucessivos da história da igreja, mas a dos estágios sucessivos da carreira de Cristo e de como cada estágio (com suas diferentes ênfases) vem inspirando diferentes pessoas. Chamo essa parte de “O Jesus influente”.

Quarto, *o que Jesus Cristo deveria significar para nós hoje?* Na Parte IV vamos lembrar que Jesus Cristo não é apenas histórico (aliás, personagem de uma história remota), mas eterno (na realidade “ontem, hoje e para sempre”) sendo, pois, também nosso contemporâneo. Ele se confronta

com cada nova geração, século e milênio em suas funções como Salvador, Senhor e Juiz. O contexto desse quarto e último estudo será o último livro do Novo Testamento, o livro de Apocalipse, o apocalipse cristão, uma vez que em seu primeiro versículo ele alega não ser basicamente uma profecia, mas a “revelação de Jesus Cristo”. Vamos nos concentrar nas dez visões principais de Cristo no livro de Apocalipse.

Este livro, portanto, será uma mistura de Escrituras e história. Vamos considerar a apresentação que a igreja faz de Cristo e a influência de Cristo na igreja, no cenário do Novo Testamento em geral e do livro de Apocalipse em particular. Desse modo, o retrato bíblico de Cristo é considerado normativo. Ele é o Jesus autêntico de acordo com o qual os retratos humanos falíveis dele devem ser julgados. Minha esperança é que esses estudos da Bíblia e da história da igreja venham a justificar meu título, *O Incomparável Cristo*. Não há ninguém como ele, nunca houve nem haverá.

2. História e teologia

Muitos nos aconselhariam a começar nossa pesquisa do Novo Testamento pelas cartas, não pelos evangelhos, já que as cartas vieram antes. A primeira carta de Paulo aos tessalonicenses foi escrita em Corinto em 50 d.C. ou logo depois, apenas vinte anos após a morte e ressurreição de Jesus, enquanto os evangelhos foram publicados pelo menos uma ou duas décadas mais tarde. O Bispo Paul Barnett montou uma crítica bem fundamentada a essa tendência de começar pelos evangelhos. “A avalanche de literatura tentando recuperar o Jesus ‘histórico’ tem limitado seu campo de pesquisa ao Jesus dos evangelhos; as cartas e a igreja primitiva são em geral desconsiderados”.^y

Ainda assim, a igreja primitiva colocou os evangelhos primeiro porque, apesar de publicados depois, os eventos registrados ocorreram antes. Além disso, quando os lemos primeiro, logo somos confrontados com a figura histórica de Jesus. Mas será que seu retrato nos evangelhos é autenticamente histórico?

No século XX, a ênfase entre os estudiosos de *teologia era* a busca do ⁷

Jesus histórico. A chamada “primeira busca” ou “busca original” está associada a Albert Schweitzer, cujo livro com esse título foi publicado em 1906.⁸ Trata-se de uma pesquisa monumental de todas as “Vidas de Jesus” do romântico século XIX. O próprio Schweitzer retratou Jesus como um profeta escatológico, cuja expectativa de um fim iminente jamais se cumpriu. Essa busca iniciada por Schweitzer foi concluída por Bultmann, que pertence ao século XX e afirmava que demonstrar a historicidade de Jesus não era nem possível nem (mesmo que possível) necessária para a fé.

Assim, depois de Segunda Guerra Mundial, começou uma nova busca pelo Jesus histórico. Em geral, ela é datada por uma preleção feita em 1953 por Ernst Käsemann, antigo discípulo de Bultmann, intitulada “O Problema do Jesus Histórico”. Ele expressou sua insatisfação com o ceticismo extremo de Bultmann. Ele e outros “pós-bultmannianos” ansiavam por uma visão mais positiva da história e tendiam a considerar Jesus um mestre sábio, um gênio religioso ou um revolucionário social — construções que apresentam Jesus por demais dócil para provocar a própria crucificação ou lançar um movimento cristão mundial.

E agora, desde a década de 1980, alguns estudiosos têm anunciado o nascimento da terceira busca do Jesus histórico.⁹ Um de seus aspectos mais significativos é que os estudiosos cristãos e judeus envolvidos nela estão destacando tanto o caráter judeu de Jesus como sua missão de vindi-car e restaurar Israel. Essa

terceira busca expressa uma confiança maior na fidedignidade do retrato de Jesus apresentado nos evangelhos.

Essa confiança, porém, não é de modo algum universal, conforme se evidencia no “Seminário de Jesus”, nos Estados Unidos. Fundado conjuntamente em 1985 por Robert W. Funk e John Dominic Crossan, seus cerca de setenta e cinco “membros” reúnem-se duas vezes por ano para conferir a autenticidade de todos os ditos atribuídos a Jesus. Eles usam um código de cores, ou seja, vermelho para ditos indubitavelmente autênticos;

rosa para os provavelmente autênticos; cinza para ditos não autênticos, mas quase; e preto para os que não são autênticos de maneira alguma, mas sim tradição posterior. O livro deles, *the Five Gospels: vohat did Jesus really say?* (dos quais o quinto é o Evangelho de Tomé, apócrifo) conclui que, pelo que entendem, “82% das palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos não foram de fato ditas por ele”. Agora eles passaram do exame das palavras de Jesus para suas obras. Não parece, porém, que o estudo deles virá a ser mais útil, pois seus critérios são em grande parte subjetivos.¹⁰

Antes de examinar por nós mesmos os evangelhos, precisamos registrar uma mudança significativa de ênfase entre os estudiosos: da história para a teologia. Enquanto a “crítica da forma” estava preocupada com o que dizia respeito à igreja primitiva, a “crítica da redação” preocupa-se com o que diz respeito ao autor de cada evangelho. Por maior que possa ser a nossa convicção de que são historiadores conscienciosos (conforme alega Lucas em 1.1-4), é também importante sustentar que são evangelistas, proclamando conscienciosamente o evangelho; e teólogos, desenvolvendo sua própria ênfase distintiva. Sendo assim, fica claro que o processo de inspiração divina não sufocou a personalidade dos autores humanos. Pois essa é a dupla autoria das Escrituras: que Deus optou por falar sua palavra por meio de palavras humanas. O Espírito Santo selecionou, moldou, preparou e capacitou os autores humanos para comunicar por intermédio de cada um deles uma mensagem que é tanto apropriada quanto distintiva.

1

¹J Pelikan, *Jesus through the Centuries* (Yale University Press, 1985), p. 1. ¹P. Brierly

2

(ed.), *UK Religious Handbook, Religious Trends* (Christian Research, 1999). Ho prólogo de seu Comentário de Isaías, citado em *Dogmatic Constitution on Divine Revelation*, para. 25, *The Documents of*

Vatican II (Geoffrey Chapman, 1966). ³Introdução ao Novo Tes

3

tamento Grego de Erasmo (1516).

4

Sermões em Romanos no vol. 25 de *Luthers Works* (1515; versão em inglês, Concordia, 1972). Glosa sobre Rm 1.5 (p. 4) e comentário sobre Rm 10.6 (p. 405). ⁵S. G. Neill,

5

Christian Faith and Other Faiths (OUP, 1961), p. 69. ¹¹Sadhu Sundar Singh, *With and*

6

Road (1925; Hodder Cl Stoughton, 1926), p. 64.

7

P. Ml Barnett, *Jesus and the Logic of History* (Apollos, 1997), p. 163.

8

Versão em inglês, 1910. ⁹ “Ainda creio ”, escreveu N. T. Wright, “que o futuro da pesquisa

9

séria a respeito de Jesus repouse no que chamo de 'Terceira Busca'”. (*Jesus and the Victory of God*, SPCK, 1996, p. 78).

10

R. W. Funky R. W. Hoover e o Jesus Seminar, *The Five Gospels* (Macmillan, 1993), p. 5.

11

Without Christ (Cassell, 1929), p. 100-101. ⁶E. Stanley Jones, *The Christ of the Indian*

PARTE I

0 JESUS ORIGINAL

(ou como o Novo Testamento testifica a seu respeito)

Os quatro evangelhos

1.0 Evangelho de Mateus:

Cristo, o cumprimento das Escrituras

Devemos ser muitíssimo gratos porque pela providência de Deus temos quatro evangelhos! Jesus Cristo é uma pessoa grandiosa e gloriosa demais para ser captada por um autor ou retratada de uma única perspectiva. O Jesus dos evangelhos é um retrato com quatro faces, um diamante com quatro facetas.

Qual, pois, é a característica principal de Jesus de acordo com Mateus? Pode-se declará-la com uma palavra: *cumprimento*. Fortemente judaico em sua origem e cultura, Mateus retrata Jesus como o cumprimento do Antigo Testamento. Ora, seu Evangelho serve como ponte entre os dois testamentos, entre a preparação e o cumprimento. Considere as palavras de Jesus registradas em Mateus 13.16-17: “Felizes são os olhos de vocês, porque vêem, e os ouvidos de vocês, porque ouvem. Pois eu lhes digo a verdade: Muitos profetas e justos desejaram ver o que vocês estão vendo, mas não viram, e ouvir o que vocês estão ouvindo, mas não ouviram”.

Em outras palavras, os profetas do Antigo Testamento viveram no período de anúncio; os apóstolos estavam vivendo no tempo do cumprimento. Os olhos deles estavam vendo de fato, e seus ouvidos, ouvindo de fato, o que seus predecessores haviam ansiado ver e ouvir. Assim, Mateus retrata Jesus não tanto como outro profeta, mais um vidente na sucessão dos séculos, mas como o cumprimento de toda a profecia. Foi no e com o ministério de Jesus que chegou o reino de Deus aguardado havia tanto tempo.

Primeiro, por conseguinte, o Cristo de Mateus era *o cumprimento da profecia*. Somos forçados a dar atenção a isso por causa da genealogia com que começa o Evangelho (1.1-17). Ora, Mateus remonta a linhagem de Jesus a Abraão, o pai do povo escolhido, por meio de quem Deus prometeu abençoar o mundo, e a Davi, o maior dos reis de Israel, que era o protótipo do grande rei que viria. Assim, Mateus dá a genealogia da linhagem

real. Sua preocupação é mostrar que Jesus era “o filho de Davi” (título que ele usa com maior frequência que os outros três evangelistas juntos), que tinha

direito ao trono de Davi.

A fórmula favorita de Mateus é “[isso ocorreu agora] para que se cumprissem as Escrituras”. Ela é repetida onze vezes. Sua preocupação é demonstrar que tudo o que ocorreu fora predito e que tudo o que fora predito havia se cumprido. Além disso, Mateus vê na história de Jesus uma recapitulação da história de Israel. Assim como Israel fora oprimido no Egito sob um faraó despótico, também o pequeno Jesus tornou-se refugiado no Egito sob o despótico Herodes. Assim como Israel passara pelas águas do Mar Vermelho para ser provado no deserto por quarenta anos, também Jesus passou pelas águas do batismo de João no Rio Jordão para ser provado no deserto da Judéia por quarenta dias. De novo, assim como Moisés deu a Israel a lei no Monte Sinai, também Jesus deu a seus seguidores a verdadeira interpretação e amplificação da lei no Monte das Beatitudes.

O tema do cumprimento é apresentado com a máxima clareza no fato de Jesus inaugurar o reino de Deus. Todos os quatro evangelistas escrevem que ele proclamou o reino, mas Mateus deu sua ênfase especial. Em deferência à relutância judaica em pronunciar o nome sagrado de Deus, Mateus usa em seu lugar a expressão “o reino dos céus” (cerca de cinquenta vezes). Mateus também percebe que o reino é tanto uma realidade presente (pois o reino “chegou” a eles 12.28) como uma expectativa futura (pois no final da história o Rei sentaria em seu trono glorioso e julgaria as nações, 25.31-46). De todas essas maneiras — na genealogia, na fórmula favorita de Mateus, na recapitulação da história de Israel e em seu ensino acerca do reino — o Cristo de Mateus é o cumprimento das profecias.

Segundo, o Cristo de Mateus é *cumprimento da lei*. Jesus parecia, a seus contemporâneos, desrespeitoso em relação à lei; por exemplo, quebrando a lei do sábado, desprezando as leis de purificação ritual e negligenciando a lei do jejum. Ele parecia relapso onde eles eram estritos. Mas Jesus insistia que era fiel à lei. Alguns estudiosos pensam que Mateus retratou Jesus deliberadamente como o novo Moisés, pois assim como há cinco livros de Moisés no Pentateuco, há quatro coletâneas do ensino de Jesus no Evangelho de Mateus, um tipo de Pentateuco Cristão.

Em todo o caso, Mateus registra essas palavras de Jesus:

Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma

desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra ... Pois eu lhes digo que se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus. (Mt 5.17-18, 20).

Os discípulos devem ter ficado perplexos com essas palavras de Jesus, pois os fariseus eram as pessoas mais justas do mundo. Como, então, os seguidores de Jesus poderiam ser mais justos que as pessoas mais justas sobre a terra? O Mestre devia estar brincando! Mas a justiça cristã é maior que a justiça farisaica porque é mais profunda. É uma justiça do coração, uma justiça não apenas de palavras e atos, mas especialmente de pensamentos e motivações (veja Mt 5.21-30). É nesse sentido que Jesus era o cumprimento da lei. Ele a levou à sua conclusão lógica. Ele ia além de um entendimento superficial dela, chegando à sua demanda radical de justiça no coração.

Terceiro, o Cristo de Mateus é o *cumprimento de Israel*. Esse é o mais

≥•

sutil dos três cumprimentos. É possível ler Mateus e não o perceber. Mateus vê Jesus confrontando Israel com um convite final, ao arrependimento. Assim, Jesus disse aos apóstolos que foi enviado “apenas às ovelhas perdidas de Israel” (15.24) e que eles só deviam ir às “ovelhas perdidas de Israel” (10.6). Mais tarde, claro, a grande comissão de Jesus abriria os horizontes dos apóstolos ao mundo gentio; agora, porém, durante seu ministério terreno, Israel devia receber mais uma oportunidade. Mas Israel persistiu em sua rebelião. De modo que Jesus chorou sobre a cidade, expressou seu anseio de juntar seus cidadãos sob o abrigo de suas asas e o alertou que seu julgamento recairia sobre aquela mesma geração, o que aconteceu obviamente em 70 d.C. (Mt 23.36-39).

Assim, Jesus via-se como o único representante vivo do Israel autêntico. Só ele permaneceu fiel; caso contrário, toda a nação ter-se-ia tornado apóstata. Ao mesmo tempo, ele era o início de um novo Israel. Então,

ele escolheu deliberadamente doze apóstolos como equivalentes às doze tribos e como o núcleo do novo Israel. A eles seria transferido o reino de Deus (21.43). Além disso, ele chamou essas pessoas de sua “igreja”, uma comunidade contracultural caracterizada pelos valores e padrões de seu reino, conforme descritos no Sermão sobre o Monte.

Jesus também deixou claro que esse novo Israel seria inter-racial e internacional, e sal e luz para o mundo. É especialmente notável que Mateus, o mais judeu dos

quatro evangelistas, ainda assim retrate quase no início de seu Evangelho a visita daqueles magos misteriosos, representam tes das nações gentias, e, ao seu final, a comissão do Senhor ressuscitado de ir e discipular as nações. De modo que a comunidade do reino cresceria como uma semente de mostarda de um início minúsculo e pouco propício até preencher a terra: “Eu lhes digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa com Abraão. Isaque e Jacó no Reino dos céus” (Mt 8.11).

2.0 Evangelho de Marcos:

Cristo, o Servo sofredor

Se Mateus apresenta Jesus como o Cristo das Escrituras, Marcos o apresenta como o Servo Sofredor do Senhor, que morre pelos pecados de seu povo. A cruz fica no centro do que Marcos entende de Jesus.

O Evangelho de Marcos, como os outros três, é estritamente anônimo. O autor não revela sua identidade, mas uma tradição muito antiga atribui o segundo evangelho a Marcos. Ao mesmo tempo, sabe-se que houve uma associação muito próxima entre Marcos e o apóstolo Pedro. Papias, Bispo de Hierápolis no início do segundo século, chamou Marcos de “intérprete” de Pedro, aquele que registrou as memórias e os sermões de Pedro. Certamente há mais referências a Pedro no Evangelho de Marcos do que nos outros, e Marcos conta de maneira mais completa e viva que os outros evangelistas as tolices, fraquezas e negações de Pedro. Alguns entendem que isso dava a Marcos um sentimento de camaradagem com Pedro, porque Marcos também fora um fracasso. Se o jovem que escapou

no jardim do Getsêmani era Marcos (14.51-52), então ele fracassou uma vez. E durante a primeira viagem missionária de Paulo, ele fugiu pela segunda vez (At 13.13; 15.37-38). Mas se, como Pedro, Marcos havia negado Jesus, também como Pedro havia sido restaurado, pois, mais tarde em cartas do Novo Testamento, encontramos Marcos oferecendo serviço leal tanto a Pedro como a Paulo. Por exemplo, “Marcos ... me é útil para o ministério”, escreveu Paulo (2 Tm 4.11).

Considere agora uma passagem crucial do Evangelho de Marcos, que junta três de seus temas favoritos, a saber, quem era Jesus, o que ele veio fazer e o que ele requer de seus seguidores. Esse texto é um marco no Evangelho porque foi um

marco no ministério de Jesus. Antes desse incidente Jesus fora festejado como um mestre e “curandeiro” popular, a partir de então ele alertou seus discípulos acerca da cruz iminente.

Jesus e os seus discípulos dirigiram-se para os povoados nas proximidades de Cesaréia de Filipe. No caminho, ele lhes perguntou: “Quem o povo diz que eu sou?”

Fies responderam: “Alguns dizem que és João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, um dos profetas”.

“E vocês?” perguntou ele: “Quem vocês dizem que eu sou?”

Pedro respondeu: “Eu és o Cristo”.

Jesus os advertiu que não falassem a ninguém a seu respeito.

Então, ele começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas e fosse rejeitado pelos líderes religiosos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos mestres da lei, fosse morto e três dias depois ressuscitasse. Ele falou claramente a esse respeito. Então Pedro, chamando-o à parte, começou a repreendê-lo.

Jesus, porém, voltou-se, olhou para os seus discípulos e repreendeu Pedro, dizendo: “Para trás de mim, Satanás! Você não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens”

Então ele chamou a multidão e os discípulos e disse: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.

Pois, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou, o que o homem poderia dar em troca de sua alma? Se

alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora, o Filho do homem se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos ” (Mc 8.27-38).

Primeiro, considere quem era Jesus. Ele sabia que havia uma diferença entre as percepções públicas que as pessoas tinham de sua identidade e a convicção particular que começava a surgir nos apóstolos. De acordo com a opinião pública, ele era João Batista, Elias ou outro profeta; de acordo com os Doze, ele não era outro profeta, mas “o Cristo”, o cumprimento de toda a profecia. Mateus

acrescenta “o Filho de Deus”, provavelmente não querendo dizer que fosse o Filho eterno, mas (como em SI 2.7-8), o Messias.

Imediatamente depois de os discípulos fazerem essa confissão de fé, “advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito” (8.30), mas permanecessem calados e mantivessem sua identidade em segredo. Essa ordem de silêncio e segredo tem intrigado muitos leitores. Mas não é difícil compreender, pois Marcos já havia dado dois exemplos da ordem de silêncio. Depois de curar um leproso, Jesus “ordenou-lhes que não o contassem a ninguém” (7.36). Mas por que deviam manter a boca fechada? O motivo é que o público tinha noções políticas falsas acerca do Messias. Por mais de 700 anos, Israel fora oprimido por jugos estrangeiros, exceto por um breve e embriagador período de liberdade sob os macabeus. Mas agora o povo estava sonhando, pensando que Javé voltaria a intervir, que seus inimigos seriam destruídos, que seu povo seria libertado e que raiaria a era messiânica. A Galiléia era uma incubadora para expectativas nacionalistas desse tipo.

Jesus, evidentemente, temia que aquelas pessoas lhe lançassem nessa função revolucionária e ele tinha bons motivos para esse temor. Depois de alimentar os 5 mil, de acordo com João, as multidões “pretendiam pro-clamá-lo rei à força” (Jo 6.15). Mas ele não viera para ser um Messias político. Pelo contrário, ele viera para morrer e, por meio da morte, garantir uma libertação espiritual para seu povo. Assim (8.31), depois que os discípulos o reconheceram como o Messias, “ele começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem sofresse muitas coisas e fosse rejeitado pelos líderes religiosos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos mestres da lei, fosse morto e três dias depois ressuscitasse” (v. 32), ou seja, de

maneira aberta e pública; não devia haver nenhum segredo acerca do tipo de Messias que ele viera para ser.

Segundo, *considere o que Jesus veio fazer*. Marcos explica que, depois que os Doze perceberam sua identidade, ele depositou toda sua ênfase na cruz. Em três outras ocasiões distintas, Jesus predisse claramente seus sofrimentos e morte (9.31; 10.33, 45). Aliás, um terço de todo o Evangelho de Marcos é dedicado à história da cruz.

Três fases nas predições de Jesus são dignas de nota especial. Primeiro, “*era necessário* que o Filho do homem sofresse muitas coisas ... e ... fosse morto” (8.31, ênfase minha). Introduz-se essa nota de compulsão. Por que *era*

necessário que ele sofresse e morresse? Resposta: porque as Escrituras precisam ser cumpridas. Ouvindo a predição que Jesus faz da cruz, Pedro teve ousadia suficiente para censurá-lo, de modo que Jesus voltou-se e censurou Pedro (v. 32-33). Não se pode permitir que nada mine a necessidade da cruz.

A segunda frase digna de nota é que “o *Filho do homem*.” é quem deve sofrer. Embora “filho do homem” seja a expressão hebraica comum para designar o ser humano, sendo usado com frequência nesse sentido nas Escrituras, parece claro que Jesus a adotou como designação para si mesmo em referência à visão de Daniel 7. Aqui, “alguém semelhante a um filho de homem” (ou seja, uma figura humana) chegou com as nuvens do céu, aproximou-se do Ancião de Dias (Deus Todo-Poderoso) em seu trono e recebeu autoridade, glória e poder soberano, de modo que, em consequência disso, todos os povos, nações e homens de todas as línguas o cultuaram. Seu domínio, acrescenta Daniel, é um domínio eterno que não passará, e seu reino é um reino que nunca será destruído (Dn 7.13-14). Mas agora Jesus faz a assombrosa declaração de que o filho do homem precisa sofrer. Isso significa que Jesus adotou o título, mas mudou sua função. De acordo com Daniel, todas as nações virão a servi-lo. De acordo com Jesus, ele não seria servido, mas serviria. Assim, Jesus faria o que ninguém mais jamais havia feito. Ele fundiu as duas imagens do Antigo Testamento — o servo que sofreria (Is 53) e o filho do homem que reinaria (Dn 7). Oscar Cullmann escreve:

Filho do homem” representa a mais elevada declaração de exaltação

conceptível no judaísmo; ebed Yahweh (o servo do Senhor) é a expressão da mais profunda humilhação ... Esse é o novo ato de Jesus, de que nunca se ouvira, que ele unia essas duas tarefas aparentemente contraditórias em sua autoconsciência e que expressava essa união em sua vida e ensino.¹

A terceira expressão que Jesus usou em referência à sua morte é que “Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e *dar a sua vida em resgate por muitos*” (Mc 10.45, ênfase minha). O “resgate” é um preço pago para libertar cativos. Assim, Jesus ensinou que os seres humanos são cativos (especialmente do pecado, culpa e julgamento), e que não podemos salvar a nós mesmos. Assim, ele se daria como resgate em lugar de muitos. A cruz seria o meio de nossa libertação. Só porque ele morreu em nosso lugar, podemos ser livres. Tudo isso faz parte do que Jesus Cristo entendia por cruz, de acordo com Marcos.

Terceiro, *considere o que Jesus pede de nós*. Depois de falar de sua morte

iminente, Jesus chamou a multidão para junto de si e disse: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (8.34). Ou seja, Jesus passou de imediato da cruz dele para a nossa e retratou o discipulado cristão em termos de abnegação e até morte. Ora, só podemos compreender o significado de levar a cruz dentro do cenário cultural da Palestina ocupada pelos romanos. Os romanos reservavam a crucificação para os piores criminosos e compeliavam os condenados à morte por crucificação a carregarem a própria cruz até o lugar de execução. De modo que se estamos seguindo a Cristo e carregando a cruz, só há um lugar ao qual podemos estar rumando, e esse é o cadafalso.

O discipulado cristão é muito mais radical que um amálgama de crenças, boas obras e práticas religiosas. Nenhuma figura pode fazer justiça, a não ser a morte e a ressurreição, pois quando nos perdemos, nos encontramos, e quando morremos, vivemos (8.35).

Eis três temas fundamentais de Marcos. Quem é Jesus? O Cristo. O que ele veio fazer? Servir, sofrer e morrer. O que ele pede de seus discípulos? Tomar nossa cruz e segui-lo atravessando a morte pela abnegação e entrando na glória da ressurreição.

Ao longo da história da igreja as questões cruciais sempre foram cristológicas. Dizem respeito à identidade, missão e exigências de Jesus. Ao procurar descobrir essas coisas, devemos nos acautelar tanto da opinião pública (“Quem o povo diz que eu sou?”) como de líderes eclesiais idiossincráticos (que, como Pedro, são impertinentes o bastante para contradizer Jesus). Antes, devemos ouvi-lo em seu próprio testemunho a respeito de si mesmo, especialmente quando Marcos registra sua ênfase na cruz. Não há fé ou vida cristã autêntica, a menos que a cruz esteja no centro.

3.0 Evangelho de Lucas e Atos:

Cristo, o Salvador do mundo

Há uma correspondência fundamental entre quem são os evangelistas e como eles apresentam Jesus Cristo, pois a inspiração divina moldou, mas não obliterou a personalidade humana dos escritores. O melhor exemplo neotestamentário desse princípio é Lucas. Ele é o único contribuinte gentio do Novo Testamento. Portanto é totalmente adequado que ele apresente Jesus não como o Cristo das

Escrituras (como faz Mateus) nem como o Servo Sofredor (como Marcos), mas como o Salvador do mundo, independentemente de raça ou nacionalidade, posição, sexo, necessidade ou idade.

Primeiro, Lucas era *médico* (Cl 4.14). Por conseguinte, era bem instruído, homem de cultura (escrevendo grego refinado) e um ser humano compassivo (que, presume-se, teria feito o Juramento de Hipócrates).

Segundo, Lucas era *gentio*, pois Paulo o distinguiu dos “únicos da circuncisão que são meus cooperadores” (Cl 4.11). Assim, ele pertencia ao extenso mundo do Império Romano. Durante pelo menos três períodos (as seções de Atos em “nós”), Lucas acompanhou Paulo em suas viagens. Ele era um homem de horizontes amplos e grande misericórdia. Enquan-

to os outros três evangelistas referem-se ao Mar da Galiléia, só Lucas o chama de lago. Em comparação com o Grande Mar (o Mediterrâneo) pelo qual navegou, a Galiléia não passava de uma lagoa.

Terceiro, Lucas era *historiador*. Precisamos levar a sério o que ele escreve acerca de seu método no prefácio de seu Evangelho. Ele não escreveu um mito ou um *midrash*\ ele afirma ter escrito uma verdade histórica, pois os eventos em torno do nascimento, ministério, morte e ressurreição de Jesus foram transmitidos por testemunhas oculares. Lucas mesmo os havia investigado e agora os registrava, de modo que seus leitores pudessem se certificar da veracidade do que haviam aprendido e criam.

Quando Lucas empreendeu suas investigações? Ele não era um dos Doze nem era uma testemunha ocular. Mais tarde, porém, começando em cerca de 57 d.C., gozou de dois anos de residência na Palestina. Ele chegou de navio com Paulo, que logo depois foi detido e preso. Então, enquanto Paulo estava na prisão em Cesaréia por dois anos, Lucas estava livre (At 21.17 e 24.27). Como ele se ocupou durante esse período? Não sabemos, mas é uma conjectura razoável que ele tenha gastado o tempo viajando de um extremo a outro do país, visitando os lugares sagrados associados a Jesus, familiarizando-se com os costumes judaicos e entrevistando testemunhas oculares. Entre elas é provável que se incluísse a Virgem Maria, agora idosa, pois como Lucas compartilha com seus leitores a história de Maria com detalhes íntimos do nascimento e da infância de Jesus, provavelmente encontrou-se com ela.

Assim, pois, era Lucas - médico, gentio e historiador - bem qualificado para escrever essa obra em dois volumes sobre as origens do cristianismo, que

ocupam mais de um quarto do Novo Testamento e dos quais podemos nos aproximar confiantes de sua fidedignidade.

Qual, pois, é a mensagem de Lucas? Ela está encerrada no *Nunc Dimittis* ou Cântico de Simeão, que afirma:

Pois os meus olhos já viram a tua salvação... luz para revelação aos gentios e para a glória de Israel, teu povo. (2.30-32) t

Essa referência à salvação para os gentios é repetida em Lucas 3.6: “e toda a humanidade verá a salvação de Deus”. Todos os quatro evangelistas referem-se ao ministério de João Batista e citam Isaías 40 sobre uma “voz do que clama no deserto”, mas só Lucas continua a citação, incluindo a declaração de que “toda a humanidade verá a salvação de Deus” (3.6).

Em primeiro lugar, portanto, a mensagem de Lucas é de *boas novas de salvação*. “Salvação” é uma palavra chave no Evangelho de Lucas. Ele deixou claro que ela incluía dois componentes. Negativamente, é a remoção da culpa (trazendo perdão). Positivamente, é a concessão do Espírito Santo (trazendo o novo nascimento). Ambos se apresentam com proemi-nência nos dois volumes da história de Lucas.

Tome-se o perdão. Só Lucas registra a profecia de Zacarias de que seu filho, João, daria “ao seu povo o conhecimento da salvação, mediante o perdão dos seus pecados” (1.77). Só Lucas conta como Jesus deu perdão à mulher que lhe havia ungido os pés com óleo e os molhado com as próprias lágrimas (7.48). Só Lucas conta a parábola incomparável do filho pródigo que se arrependeu e voltou para casa e foi recebido com abraços, beijos e uma festa de celebração (15.11-32). Só Lucas registra a grande comissão em termos de que o “arrependimento para perdão de pecados” seria proclamado a todas as nações (24.47). E só Lucas descreve como Paulo, em Antioquia da Síria, proclamou “mediante Jesus ... o perdão dos pecados” (At 13.38).

O aspecto complementar da salvação é a concessão do Espírito Santo para trazer novo nascimento e nova vida. De todos os evangelistas, Lucas mostra o maior interesse na obra do Espírito. Ele retrata Jesus como alguém que foi ungido pelo Espírito e exerce seu ministério no poder do Espírito (3.22; 4.1, 14, 18). E só Lucas descreve a vinda do Espírito no Dia de Pentecostes e o desenvolvimento subsequente da missão cristã (At 2.1-12; 13.2, etc.).

De modo que esses são os dois componentes da salvação. O perdão erradica nosso passado, e o Espírito transforma nosso futuro. Pedro resume isso na conclusão de seu sermão no Dia de Pentecostes, pois, para os que se arrependem, crêem e são batizados, promete tanto o perdão de seus pecados como o dom do Espírito Santo (At 2.38). E mais: essa grande salvação traz grande alegria. Lucas começa seu Evangelho com o anúncio de “boas novas de grande alegria” (2.10) e termina com a declaração de

que os apóstolos “voltaram para Jerusalém com grande alegria” (24.52). Aliás, durante todos os dois volumes de Lucas, a alegria acompanha o dom da salvação, já que há grande alegria no céu para cada pecador que se arrepende (15.7,10, cf. At 8.8, 39).

Em segundo lugar, a mensagem de Lucas é de boas novas de salvação *por meio de Cristo*. Essa verdade fica clara na história de Simeão, pois ele tomou o menino Jesus nos braços e falou o que viu. O que de fato viu foi um bebê; o que ele disser ter visto foi a salvação divina (2.28,30), pois é isso que Jesus era. Assim, Lucas conta à sua própria maneira elegante a história ímpar de Jesus Cristo: como ele nasceu da Virgem Maria na cidade de Davi, para ser nosso Salvador; como ele disse a Zacarias que a salvação havia chegado à sua casa naquele dia, acrescentando que o Filho do Homem viera para “buscar e salvar o que estava perdido” (19.9-10); como ele orou pelo perdão de seus executores e prometeu ao criminoso penitente na cruz um lugar no paraíso naquele mesmo dia (23.34,43); e como, tendo sido exaltado ao lugar de autoridade suprema à direita de Deus, enviou o Espírito Santo e ainda hoje concede salvação (At 2.33). Além disso, porque Jesus é singular em seu nascimento, morte, ressurreição e exaltação, sua salvação é também singular. Já que em nenhum outro Deus tornou-se humano, morreu, ressuscitou e foi exaltado ao céu, não há outro salvador, porque ninguém mais possui suas qualificações. Lucas preserva a afirmação do apóstolo Pedro de que “Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devemos ser salvos” (At 4.12).

Em terceiro lugar, a mensagem de Lucas é de boas novas de salvação por meio de Cristo *para o mundo inteiro*. Lucas coloca deliberadamente no início de cada um de seus dois volumes uma declaração de universalidade: por um lado, “toda a humanidade verá a salvação de Deus” (3.6) e, por outro, “derramarei do meu Espírito sobre todos os povos” (At 2.17). Os dois versículos contêm a mesma expressão *pasa sarx*, significando “toda carne” ou “todas as pessoas”. Eles servem como placas sinalizadoras, indicando a história que se segue, pois Lucas

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Incomparável Cristo - John Stott" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).